**BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS VIAGENS A INHOMIRIM**

Jacqueline de Moura Siano (Jac Siano)

Pós-doutoranda bolsista PNPD-CAPES

Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES-UERJ)

Instituto de Artes-UERJ

**RESUMO**

Exponho neste ensaio um breve relato sobre encontros *e* descobertas acontecidas na localidade de Vila Inhomirim, 6º distrito de Magé, região que guarda parte de nossa memória histórica e se reveste de abandonos e de esquecimentos. A fim de vivenciar a experiência de uma *artista viajante local*, adotei os *deslocamentos como viagem* como forma e metodologia para a construção de trabalhos que visam provocar fricções nos modos habituais de lidar com as paisagens do cotidiano.

**Palavras-chave**: paisagem, memória, história, esquecimento

Tomando como ponto de partida o embate com algumas pranchas do álbum “Viagem Pitoresca através do Brasil” (1835), do artista viajante Johann Moritz Rugendas, associado à minha prática de *artista viajante local*, ao longo de três anos consegui realizar algumas edições das “Viagens a Inhomirim”, região também conhecida como Raiz da Serra, 6º distrito de Magé, a fim de pesquisar os rastros de antigas movimentações ali acontecidas. [[1]](#footnote-1)

Trata-se de uma proposição de *deslocamento como viagem*, feita a grupos de amigos e colegas de pesquisa, com o intuito de promover uma aproximação com a memória das expedições naturalistas acontecidas no Brasil durante o século XIX. Naquela região o médico e naturalista Georg von Langsdorff adquiriu a Fazenda Mandioca e nela construiu um efervescente centro de pesquisa que contava com um herbário e farta biblioteca, onde recebia outros naturalistas e viajantes. Também constava de seus planos a implantação de um projeto de colonização agrícola germânica que nunca prosperou. A própria “Expedição Langsdorff” (1822-1829), empreendida pelo naturalista ao interior do Brasil correu cheia de atropelos e incidentes, inclusive um fatal que resultou na morte do artista Adrien-Aimée Taunay. No final da viagem, já na Amazônia, Langsdorff muito doente e com transtornos mentais, retorna para a Alemanha onde permanece esquecido até a sua morte. O material coletado pela expedição e enviado para a Rússia, depois de disputas entre instituições de pesquisa, é abandonado por cem anos num porão da Academia de Ciências de São Petersburgo, vindo a ser parcialmente resgatado por brasileiros nos anos da década de 1930.[[2]](#footnote-2)

No Brasil, ainda no século XIX, a memória de Langsdorff também sofre um processo de difamação e de apagamento. A Mandioca é abandonada sobrando atualmente alguns restos de um projeto ambicioso. Ruínas divididas por uma rua que esconde sobre o asfalto partes inacessíveis que conectam os dois núcleos familiares que divergem sobre os modos de ocupação e opiniões sobre a preservação da memória do lugar. De um lado, sobre um antigo porão, ergue-se a casa de uma família. Do outro lado, escondida sob o capim aflora uma mureta de pedras e uma canaleta esculpida em granito que permanecem no aguardo de futuro tombamento ou projeto de ponto de cultura sonhado por uma das moradoras do sítio.

A passagem dos personagens que compõem o quadro da história das ciências naturais e da arte, associada aos rastros da presença da mão de obra escravizada e sua presença imanente no sofisticado trabalho de entalhe das pedras encontradas nos sítios históricos da região como no calçamento do Caminho Novo (monumento histórico que ladeia o sítio da Mandioca), por exemplo, não merecem perecer no esquecimento, muito pelo contrário. Mas como proceder com ao acionamento de um espaço ocupado por pessoas que há gerações habitam o sítio histórico, sem que elas sejam ameaçadas em seu direito à moradia? Como abandonar o contributo da apropriação da memória coletiva como parte de um processo de resgate cidadão e de fortalecimento de laços afetivos com o lugar onde se vive?

Um dos caminhos possíveis aponta para a participação coletiva e voluntária da comunidade. Um primeiro passo depende da colaboração daquelas pessoas residentes no sítio e de seus interesses para tal acionamento, daí então poderá discutir-se em conjunto estratégias para um despertar da população que ainda desconhece a potencialidade da região; tanto no que diz respeito à memória histórica quanto à recuperação de mitologias e lendas locais que juntas, poderão constituir uma nova visão de desenvolvimento e progresso social baseada na valorização das narrativas locais. Também a questão da preservação do meio ambiente natural se faz relevante, já que a região ainda guarda parte da floresta atlântica.

Não se trata portanto de resgatar a história da colonização e da ocupação do solo por estrangeiros, mas de promover o acesso à informação e dar voz a quem sofre de silenciamento por tantos anos. Ao inserir Vila Inhomirim num circuito cultural amplo (artístico, de estudos do meio ambiente e de turístico ecológico) procura-se despertar o interesse para uma região que vive à margem da grande narrativa história. O fortalecimento da população local poderá por fim, proporcionar a reescrita de uma história que a todos pertence.

**Referências Bibliográficas**

BECHER, Hans. **O barão Georg Heinrich von Langsdorff**: pesquisa de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições Diá: Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1990.

COSTA, Maria de Fátima. **Viajando nos bastidores**: documentos de viagem da expedição Langsdorff. Cuiabá, MT: EdUFMT, 1995.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

SÜSSEKIND, Flora. **A ciência da viagem**. In: O Brasil não é longe daqui: o narrador a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 104-128.

1. Devido à pandemia do novo coronavírus as “Viagens a Inhomirim” encontram-se temporariamente suspensas.

   [↑](#footnote-ref-1)
2. Para os “Diários de Langsdorff” acessar <http://static.scielo.org/scielobooks/q5cc4/pdf/silva-9788575412442.pdf> Acesso em: 03 nov. 2020. [↑](#footnote-ref-2)